

Trágicos anacronismos

NEWTON CARLOS

Jornalista

Num mundo onde os direitos humanos se tornam cruciais, vão ocupando a primeira linha dos grandes embates, os instrumentos de sua recuperação ou preservação têm marcas profundas de anacronismos. Caso da antiga Birmânia. Desabafo a respeito partiu de um ministro de país europeu no momento com as responsabilidades da presidência do Conselho de Segurança, cuja tarefa maior é velar pela paz e segurança ao largo do universo. O que se vê é impotência, com origem no anacronismo da própria ONU.

Um dos primeiros secretários-gerais da ONU avisou que a entidade naufragaria se fosse reproduzido o "sistema de potências", doença mortal que não se desgarra dos ideais de internacionalismo. Depois das guerras napoleônicas, no século 19, o Congresso de Viena montou uma "ordem" que deveria prevalecer tendo como premissa a partilha de interesses em compasso com o poder das armas de cada um dos participantes. Um sistema de potências, com desequilíbrios internos e ambições alojadas em blocos antagonísticos.

Viena criou os vírus de sua própria destruição, consumada com a primeira grande guerra. A Liga das Nações foi tentativa de romper com o sistema de potências, responsável pela carnificina na Europa. Afinal prevaleceria o internacionalismo. Mas o Japão invadiu a China no começo dos anos 30, sem que a Liga das Nações conseguisse colocar em campo elementos eficientes de dissuasão. Hitler, em plena ascensão, substituindo tratores por tanques, mandou que seus

aviões arrasassem Guernica, na Espanha, em operação de guerra de apoio a Franco.

A Liga das Nações ficou em ponto morto e grupos antagonísticos de potências deflagraram a segunda grande guerra. O Eixo de um lado, e do outro uma coalizão de nações democráticas, com adição da Rússia invadida por Hitler e um projeto de afinal instalar o internacionalismo logo que os canhões silenciassem. Uma nova entidade sairia das cinzas da Liga das Nações com a tarefa de legar às gerações futuras um mundo seguro e ordenado, no qual a imposição dos direitos humanos seria regra e não exceção. Mas a Organização das Nações Unidas, a ONU, já nasceu sob nuvens carregadas de um outro tipo de guerra, a fria, sem a incandescência dos canhões.

Em vez de trincheiras, uma cortina de ferro. Imposições dessa nova realidade fizeram com que a ONU fosse produto de arquitetura ajustada a interesses das potências. As assembleias-gerais, nas quais se sentam todos com direito a votos de pesos iguais, não têm nenhum poder real. Foram inúteis as tentativas de parlamentarizar a ONU. No miniparlamento representado pelos 15 membros do Conselho de Segurança, o verdadeiro centro de poder, cinco países concentram o direito de bloquear qualquer resolução e de ocupar assentos permanentes. Potências dominantes na época, hoje nem tanto.

Nada de internacionalismo. Reproduziu-se mais uma vez o sistema de potências e as conseqüências foram mais desgraças. Por que o Conselho de Segurança não teve como agir contra os generais no poder na antiga Birmânia? Porque a China não deixou. Tampouco a Rússia, cujo ministro do Exterior, agitando a bandeira da inviolabilidade das questões internas, perguntou por que a ONU não havia

se envolvido com os distúrbios na periferia de Paris. Os grandes com direito a veto promovem ou exercitam a impunidade. A ONU tornou-se impotente em situações graves, como a Liga das Nações não pôde fazer nada quando o Japão invadiu a China, início da Segunda Guerra Mundial, segundo historiadores.

A entidade criada para atuar em nome da comunidade internacional ficou de fora das grandes questões que afetavam os interesses do sistema de potências instalado no Conselho de Segurança. Não se envolveu com o Vietnã. Ou com São Domingos, Granada e Panamá, assuntos dos Estados Unidos. Fez vistas grossas às invasões da Tchecoslováquia e do Afeganistão. Não tinha como meter-se em searas da União Soviética. Assistiu imobilizada o banho de sangue que foi a guerra da Argélia, ex-colônia da França. Define o status das Malvinas como colonial, mas não tomou nenhum tipo de posição na guerra entre Inglaterra e Argentina. O drama do Tibet não existe. É tratado como questão interna da China. Os tibetanos que se virem, não esperem nada da ONU.

Com a queda do muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, viu-se uma faísca de esperança de que a ONU pudesse afinal empunhar a bandeira do internacionalismo. Não tardou, no entanto, que Bush irrompesse com sua doutrina das guerras preventivas. Atacar antes que o outro ataque, não importa o que diga a Carta da ONU. Unilateralismo em seu estado mais puro, com doses brutais de violência. O primeiro lance, a invasão do Iraque, passou por cima do direito internacional. E daí? A permanência de anacronismos faz com que a simples oposição da China impeça ação mais efetiva da ONU na tragédia de Darfur. Ou da antiga Birmânia.